



**DOMINICANOS  
ARTE E ARQUITETURA PORTUGUESA  
DIÁLOGOS COM A MODERNIDADE**

COORDENAÇÃO

JOÃO ALVES DA CUNHA E JOÃO LUÍS MARQUES

**DOMINICANOS  
ARTE E ARQUITETURA PORTUGUESA  
DIÁLOGOS COM A MODERNIDADE**

CAPA

Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Fátima

Foto José Correia Nunes, 1965

#### EDIÇÃO

Centro de Estudos de História Religiosa

- Universidade Católica Portuguesa

Instituto São Tomás de Aquino

- Província Portuguesa da Ordem dos Pregadores

#### COORDENAÇÃO

João Alves da Cunha e João Luís Marques

#### TEXTOS

João Alves da Cunha

João Luís Marques

José Manuel Fernandes, OP

Paulo F. de Oliveira Fontes

Paulo Miranda

Pedro Castro Cruz

#### FOTOGRAFIA

Carlos Castro, Hugo Casanova,

João Alves da Cunha, João Luís Marques,

José Nunes Correia, Marco Bakker,

Rui Gonçalves Moreno, Teófilo Rego

#### DESIGN GRÁFICO

João Alves da Cunha e João Luís Marques

#### APOIO

Câmara Municipal de Lisboa

Fundação Calouste Gulbenkian

Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Projeto UID/HIS/00647/2019)

Província Portuguesa da Ordem dos Pregadores

#### AGRADECIMENTOS

Arquivo Geral e Histórico- Câmara Municipal do Porto

Arquivo- Mosteiro da Batalha

Arquivo- Província Portuguesa da Ordem dos Pregadores

Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo- FAUP

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Fraternidades Leigas de São Domingos

Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva

Fundação Manuel Leão- Casa da Imagem

Gehr Foundation

Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica

Museu Nacional do Teatro e da Dança

Paróquia do Cristo Rei, Diocese do Porto

Paróquia do Olival, Diocese de Leiria-Fátima

IMPRESSÃO Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

ISBN 978-972-8361-83-9

DEPÓSITO LEGAL 461680/19

DATA outubro de 2019

# ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	
José Manuel Fernandes, OP	9
Paulo F. de Oliveira Fontes	13
UMA HISTÓRIA, QUATRO CAPÍTULOS	
João Alves da Cunha e João Luís Marques	25
FRADES NA RENOVAÇÃO DA ARTE E ARQUITETURA: PASSOS DOMINICANOS EM FRANÇA, ESPANHA E PORTUGAL	
João Alves da Cunha	31
CONVENTO DE CRISTO REI, PORTO	
João Luís Marques	43
IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, FÁTIMA	
Paulo Miranda	61
CAPELA DO SEMINÁRIO DO OLIVAL- ALDEIA NOVA, OURÉM	
João Alves da Cunha	77
CONVENTO DE SÃO DOMINGOS, LISBOA	
Pedro Castro Cruz	93

Paulo F. de Oliveira Fontes  
Diretor do Centro de Estudos de História Religiosa  
Universidade Católica Portuguesa

### **Religião, arquitetura e modernidade em Portugal**

O tema da relação entre religião e modernidade tem sido objeto de diversas aproximações ao longo dos anos, através de prismas frequentemente contraditórios, mas onde a posição do tópico “religião” surge frequentemente como contraposto ao de “modernidade” e vice-versa. No entanto, quando nos afastamos do terreno onde proliferam discursividades redutoras, enclausuradas em posições disciplinares específicas, fechadas a qualquer leitura dialógica, rapidamente nos damos conta da necessidade de atender às pontes de comunicação por onde circulam agentes e se definem processos culturais, aos lugares de interseção onde a vida comum se desenvolve, assim como às formas de expressão onde linguagens diversas se cruzam, gerando fluxos de informação e redes de comunicação enquanto modos de um dado sistema – religioso ou outro – responder a necessidades emergentes, conforme a uma complexidade crescente que o “mundo moderno” suscita, numa abrangência de perspectivas e insuspeitadas articulações entre “tradição” e “novidade”<sup>1</sup>.

A arte e, em particular, a arquitetura religiosa constituem um desses lugares de interseção entre a religião e a realidade do “mundo moderno”<sup>2</sup>. E se isto é verdade nos diversos universos religiosos, tê-lo-á sido de modo especial no ambiente cristão e católico europeu, nomeadamente pela convergência das necessidades resultantes da religião vivida pelas populações nas cidades modernas com a atenção dada pelas instituições e autoridades eclesiais à

procura de respostas significativas para essas mesmas necessidades. No caso português, a construção da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, no perímetro das chamadas “avenidas novas”, nos anos de 1930, é talvez a expressão mais significativa desse processo, seja pelo modo de mobilização dos meios financeiros necessários, resultantes nomeadamente da venda do edifício de uma outra igreja desativada – a igreja de S. Julião, na baixa pombalina –, seja pela urgência da construção de um novo equipamento religioso, resultante do crescimento populacional e do alargamento da malha urbana da capital do país, obrigando ao desdobramento da primitiva freguesia de S. Sebastião da Pedreira, seja ainda pelo envolvimento no projeto de destacados nomes da arquitetura e da arte portuguesa modernas – como foi o caso do arquiteto Porfírio Pardal Monteiro e do pintor Almada Negreiros –, que imprimiram uma conceção e um estilo de Igreja, cuja modernidade suscitou viva polémica pública naquele período<sup>3</sup>. Em suma, e de modo global, podemos considerar que a arte e a arquitetura religiosas surgem em Portugal, desde cedo, como dois mediadores da relação do catolicismo com a modernidade, o que se compreende facilmente se atendermos à necessidade comum que a arte e a religião partilham na utilização da linguagem simbólica que, como todas as formas de linguagem, necessita de ser atualizada para ser social e culturalmente significativa. Por outro lado, interessa lembrar a importância histórica da arquitetura para a religião cristã, na medida em que, desde sempre, a arquitetura procurou responder a uma das questões centrais do cristianismo, ou seja, a capacidade para habitar o espaço e o tempo por parte daqueles homens e mulheres que procuram dar-lhe corpo, fazer da sua vivência eclesial (individual e comunitária) uma expressão do “corpo místico de Cristo”.

Em Portugal há um caminho que de forma significativa, embora nem sempre muito visível, se vem fazendo na reflexão destes temas a nível da academia. É o caso dos trabalhos dos autores deste livro e dos projetos de doutoramento de três deles, dois dos quais concluídos e um até parcialmente editado<sup>4</sup>. A publicação deste livro inscreve-se neste percurso, para o qual todas as instituições envolvidas procuraram, de algum modo, contribuir, nomeadamente com a realização da exposição que esteve na sua origem. A publicação de “Dominicanos, arte e arquitetura portuguesa: diálogos com a modernidade” corresponde assim à materialização de um projeto que resulta da convergência de ideias, trabalhos e vontades diversas. Em primeiro lugar,

há que sublinhar a iniciativa dos autores do livro que, a partir da sua condição de investigadores no âmbito da história da arquitetura e do urbanismo, têm vindo a dedicar parte do seu labor ao estudo das obras aqui referenciadas e imaginaram a exposição de que resultou o presente título. Depois, há a considerar a própria Ordem dos Pregadores, ordem religiosa restaurada em Portugal no século XX<sup>5</sup>, mas com uma história plurissecular de presença no país, e que esteve na origem da encomenda dos quatro projetos de arquitetura agora aqui analisados, oferecendo um mote ao projeto inicial da exposição: “Os Dominicanos e a arquitetura religiosa em Portugal no século XX: uma história, quatro capítulos”; projeto apresentado num conjunto de conferências que podem ser visionadas no site criado para o efeito no Portal de História Religiosa<sup>6</sup>. E, por último, o Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP) que, a propósito da celebração dos 800 anos da Ordem de S. Domingos, se associou ao Instituto S. Tomás de Aquino, para organizar um alargado programa de trabalho científico e cultural<sup>7</sup>, que incluiu a organização da exposição e a publicação da presente obra. A exposição esteve patente no Convento de São Domingos (Alto dos Moinhos, Lisboa) de 14 de abril a 10 de junho de 2018. Foram realizadas três visitas guiadas à exposição e ao convento pelos curadores. Os grupos de inscritos caracterizaram-se pela diferença de faixas etárias e de áreas de interesse disciplinar. Aquando da inauguração da exposição, o convento acolheu ainda o lançamento do livro “Os Dominicanos em Portugal (1216-2016)”, e a sessão “Diálogos com a modernidade”; à conversa com Diogo Lino Pimentel, Luiz Cunha, João de Almeida, José Fernando Gonçalves, Paulo Providência e frei Bento Domingues, atividade moderada pelo jornalista António Marujo que se realizou a 12 de maio do mesmo ano.

Mais do que um simples catálogo, desde o início pensou-se num livro que assinalasse de modo expressivo o papel dos Dominicanos na renovação da arte e da arquitetura religiosa no século XX, com marcas visíveis tanto ao nível internacional quanto ao nível nacional, no contexto do diálogo da Igreja católica com o mundo moderno. É uma história ainda pouco conhecida, mas com importante lastro na vida eclesial e cultural portuguesa da segunda metade do século XX e que, de modo muito peculiar, se articulou com os dinamismos de invenção e afirmação de uma modernidade artística no país, nomeadamente através do Movimento de Renovação da Arte Religiosa – MRAR. Movimento este que teve um papel muito significativo, nomeadamente do ponto de

vista do envolvimento dos católicos portugueses nos grandes movimentos de renovação da Igreja católica no período posterior à II Guerra Mundial, os quais muito contribuíram para a eclosão e reflexão produzida no II Concílio do Vaticano (1962-1965)<sup>8</sup>. Referimo-nos nomeadamente aos chamados “movimentos” bíblico, litúrgico, ecuménico, laical, teológico e social, com múltiplos protagonistas e iniciativas, visando uma abertura e reflexão crítica sobre a forma do cristianismo e da Igreja católica se posicionarem diante de algumas das dinâmicas da modernidade social e cultural em geral<sup>9</sup>; dinâmicas em que os Dominicanos portugueses também participaram, nalguns casos, como protagonistas<sup>10</sup>.

No primeiro texto “Uma história, quatro capítulos” João Alves da Cunha e João Luís Marques explicitam o modo como a restauração da Ordem dos Pregadores em Portugal, “implicou a encomenda de projetos para novas casas, conventos, colégios e seminários, que traduziram um novo entendimento sobre a sua organização e distribuição no território nacional.” Referindo-se às quatro obras de arquitetura selecionadas para a exposição e assinalando a existência de outras, poderão ser objeto de estudo futuro, os autores sublinham a importância deste trabalho como um “primeiro passo para a reconstituição da memória do património moderno dominicano.”

No texto intitulado “Frades na renovação da arte e arquitetura: passos dominicanos em França, Espanha e Portugal”, João Alves da Cunha traça um percurso desse trabalho em que dominicanos estiveram envolvidos no domínio da conceção e construção de novos espaços religiosos, referenciando as principais iniciativas, personalidades e projetos que corporizaram um diálogo do mundo católico com a modernidade artística nos países de tradição latina, estabelecendo uma orientação que o II Concílio do Vaticano viria ratificar: “A Igreja nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas”; aceitando o convite a que seja “cultivada livremente na Igreja a arte do nosso tempo, arte de todos os povos e regiões”<sup>11</sup>. O autor analisa assim a importância da atitude de colaboração de setores do catolicismo com as novas gerações de artistas, em diálogo com as modernas conceções de arte e arquitetura, na procura de uma reflexão capaz de fundamentar cultural e teologicamente esse mesmo diálogo do ponto de vista católico e de credibilizar novos projetos artísticos no campo religioso. Nesta perspetiva, compreende-se a importância da criação de diversos *fora* de exposição, apresentação e debate, a que os movimentos nascidos em França,

Portugal e Espanha deram expressão, nomeadamente através do lançamento de publicações especializadas, de que se destacam a revista *L'Art Sacré* (iniciada em 1935 e dirigida pelos Dominicanos a partir de 1937 e até 1968) e a revista espanhola *ARA- Arte Religioso Actual* (1964-1981).

É neste contexto mais geral que as iniciativas portuguesas ganham em ser analisadas, não tanto como resultante direta desta ou daquela influência estrangeira, mas enquanto parte de um movimento alargado de afirmação de modernidade artística, cultural e também religiosa, no qual muitos portugueses participaram. O texto visa precisamente assinalar o percurso realizado especificamente no campo da arquitetura religiosa no país, durante o período do Estado Novo<sup>12</sup> que, conforme assinala Alves da Cunha, foi “marcado por uma forte rede de relações, influências e aproximações artísticas que as fronteiras não foram capazes de impedir”, embora num contexto político nacional particularmente adverso.

Os textos seguintes centram-se então em quatro obras arquitetónicas portuguesas encomendadas pela Ordem dos Pregadores ao longo do século XX, e aqui selecionadas para acompanhar o processo de renovação realizado, assinalando alguns aspetos desse diálogo com a modernidade em Portugal<sup>13</sup>.

O terceiro texto deste livro, da autoria de João Luís Marques, reflete precisamente sobre a construção de um convento dominicano na cidade invicta, numa zona em pleno processo de urbanização nos anos 40 e 50, refletido no âmbito da Câmara Municipal do Porto pelo arquiteto Fernando Távora. A problemática moderna encontra-se aqui, não necessariamente no tipo de edificação realizada, mas nas questões suscitadas pelo modo de inscrição do novo equipamento religioso na malha urbana da cidade. Sob o título “Convento do Cristo Rei, Porto”, o autor observa as diversas soluções urbanísticas propostas, antes e depois da materialização da nova construção, cuja linguagem e implantação adotadas pelo projeto – elaborado na primeira metade dos anos 50 pelos arquitetos Manuel Passos Júnior e Eduardo Raúl da Silva Martins – “atraíam a conceção moderna do conjunto que Távora propusera e que a Comissão de Estética Municipal procurou a todo o custo defender”. O conflito de linguagens evidencia-se aqui como oportunidade de renovação da arquitetura religiosa e ponto de partida para a reflexão acerca do papel dos dominicanos neste processo, o qual, segundo João Luís Marques, ganha em ser pensado de forma mais profunda, para além da mera renovação de formas. O texto destaca a procura de propostas formais



Convento de Cristo Rei, Porto  
Foto Carlos Castro, 2018



Igreja do Convento de Nossa Senhora do Rosário, Fátima  
Foto Marco Bakker, 2016



Capela do Seminário do Olival - Aldeia Nova, Ourém  
Foto Hugo Casanova, 2017



Convento de São Domingos, Lisboa  
Foto Hugo Casanova, 2018

capazes de atender a novas funcionalidades sociais e religiosas emergentes e à definição de modernas centralidades urbanas, num processo nada linear na relação entre tradição e modernidade. À semelhança do que aconteceu com outros institutos religiosos recém-implantados no país, a presença da Ordem Dominicana na estrutura paroquial da diocese do Porto a partir dos anos 30, insere-se ainda neste âmbito de reflexão.

O quarto texto, da autoria de Paulo Miranda, centra-se na construção da moderna “Igreja do convento de Nossa Senhora do Rosário, Fátima”, nos anos de 1960, “fruto de um processo determinado na resposta ao programa e função litúrgica, pelos Padres Dominicanos” com “três convites sucessivos a arquitetos de reconhecido trabalho e mérito”, resultando a entrega do trabalho final ao arquiteto Luiz Cunha (1933-2019) que aí realizou a sua primeira igreja (construída). A modernidade do novo espaço religioso resulta não apenas do projeto arquitetónico construído (da forma aos materiais usados, com destaque para o facto de ser a primeira igreja de “betão à vista”), mas da sua conceção como um todo, integrando o conjunto dos equipamentos e peças de arte tendo “como o objetivo principal servir, com qualidade e beleza, a função litúrgica própria da comunidade religiosa dos frades pregadores”. Aí se encontram obras de grande modernidade artística, entre as quais uma “Árvore de Jessé”, pintura em betão de Ferdinand Gehr (1896-1996), e o sacrário da capela, da autoria do próprio arquiteto Luiz Cunha; algumas dessas obras estiveram patentes na exposição realizada em Lisboa.

João Alves da Cunha escreve um segundo texto, agora focado na “Capela do seminário do Olival- Aldeia Nova, Ourém”. Capela construída num espaço rural para a jovem comunidade de seminaristas que aí se estabelece, na década de 1960. O projeto, da autoria do arquiteto Diogo Lino Pimentel (1934-2019), foi pensado de forma autónoma aos existentes edifícios do seminário, de feição marcadamente urbana. “A capela integrou-se assim no ambiente rural que a circunda, quer pelos materiais utilizados, quer pela maneira como foram usados, mas apesar desta preferência e aproximação ao espaço rural, afirmou-se claramente como uma obra erudita e moderna”. E é essa modernidade que o texto evidencia, seja na escolha e uso dos materiais de construção, com recurso ao betão armado, seja na organização do espaço, unitário mas hierarquizado, na sua dupla função de espaço de oração e de celebração comunitária, com participação aberta à população em geral, assim como no desenho dos equipamentos, mobiliário e peças de arte, conforme à visão de

uma liturgia renovada. “Em termos de artes plásticas, marcaram presença na capela a pintura de ‘São Domingos’ de Espiga Pinto e uma escultura da “Virgem com o Menino”, realizada por Maria do Carmo d’Orey e pintada por Manuel Costa Cabral”. Também a paramentaria mereceu presença na exposição, como no catálogo se observará.

Por último, no texto “Convento de São Domingos, Lisboa”, Pedro Castro Cruz observa o mais recente Convento da Ordem dos Pregadores, em Lisboa (1986-1995), na sequência de um concurso público de que saiu vencedor o projeto dos então jovens arquitetos José Fernandes Gonçalves (1963-) e Paulo Providência (1988-). Pensado de raiz, “O conventum, enquanto lugar de reunião e convivência, teria dois grandes polos: o cultural e o cultural”. Segundo a tradição dominicana, o novo equipamento religioso foi pensado para se situar num meio urbano e universitário, na freguesia de S. Domingos de Benfica. Enquadrando o projeto no seu contexto nacional e internacional, o texto pretende “evidenciar a sua relevância na arquitetura religiosa portuguesa na viragem do século XX”. Sublinhando significativas diferenças entre o projeto inicial e a obra realizada, o texto assinala o conjunto de alterações verificadas, resultantes do impacto de mudanças no plano urbanístico da cidade para aquela zona da cidade, do necessário diálogo verificado entre os autores do projeto e os responsáveis pelo acompanhamento da sua execução, nomeadamente o frade e engenheiro Luís de França (1936-2016), e por último, do facto do projeto não ter sido plenamente concretizado na sua amplitude inicial. Alguns dos traços mais marcantes do projeto e da sua materialização podem ser rastreados a partir da definição de um eixo imaginário que atravessa e liga todos os edifícios, onde culto e cultura se entrecruzam a partir do lugar do sacrário da igreja; do jogo entre os espaços construídos e o espaço claustal desenhado entre eles; e do “trabalho complementar da luz em claro-escuro e mesmo de penumbra – que se dirá mística”, o qual atinge na igreja conventual a sua expressão mais visível. Nesta última reflexão, assim como nas anteriores, há uma referência arquitetónica omnipresente que não pode deixar de ser sublinhada: a construção do convento dominicano de Sainte Marie de La Tourette, projetado e construído entre 1956 a 1960, em França, pelo arquiteto Le Corbusier (1887-1965), um dos ícones da arquitetura moderna.

Este último tema tem conhecido múltiplos desenvolvimentos e exigiria, só por si, um maior aprofundamento, objetivo que está obviamente para além dos intentos desta publicação. Ainda assim, uma observação geral de cariz

historiográfico é possível, de modo facilitar o enquadramento da investigação realizada. A saber: se a modernidade nascida no seio das sociedades liberais do Ocidente ao longo do século XIX, nos países que integraram Cristandade medieval de outrora, se insinuou como movimento de desafetação religiosa, marcada nomeadamente pelo aprofundamento das dinâmicas de secularização da sociedade, gerando uma primeira vaga de mobilização católica contrária à modernidade, paradoxalmente, a própria mobilização social e religiosa suscitada acabaria por provocar, nessas mesmas sociedades, uma maior proximidade e um contacto direto com essa modernidade combatida<sup>14</sup>. Ao longo do século XX, em Portugal como noutros países europeus, do confronto ou do simples contacto do catolicismo com os mais variados setores do “mundo moderno”, surgiram assim propostas e dinâmicas de renovação, marcadas pela exigência da autenticidade e pela valorização do diálogo com as novidades desse mundo, com a consciência crescente de que muitos setores católicos participavam e estavam a contribuir, afinal, para a emergência da modernidade com que se procurava uma nova relação<sup>15</sup>, procurando, do mesmo passo, resgatar a Igreja católica dos estigmas do “passadismo” ou do “conservantismo”, contrários à valorização da sua própria tradição<sup>16</sup>. É neste contexto mais geral que as obras referenciadas na exposição e analisadas nos textos deste catálogo ganham em ser situadas. A publicação do livro, profusamente ilustrado, visa agora disponibilizar a um público alargado e, por isso, também diversificado, alguns desses percursos de investigação realizados ou em curso sobre a relação entre arquitetura, religião e modernidade. Uma última nota deve ser referida, para sublinhar as possibilidades que o trabalho de colaboração iniciado entre várias pessoas e instituições possibilitou. Esse trabalho permitiu estabelecer uma rede de cooperação entre instituições públicas e privadas, centros de investigação com especializações distintas mas complementares – da história à arquitetura –, tecendo uma verdadeira rede de contacto e de articulação que importa continuar e aprofundar em prol do estudo, valorização e promoção do património histórico, cultural e religioso do país; rede aberta à participação e envolvimento dos diversos atores, conforme ao que paradigma da agora designada “ciência cidadã”, de que a lista de agradecimentos no final do livro dá a exata dimensão.

De modo mais imediato, cumpre-nos agradecer aos autores o empenho colocado neste trabalho e à Ordem dos Pregadores e, de modo particular, ao seu Instituto S. Tomás de Aquino, a abertura e o acolhimento dados ao projeto de exposição e de edição, no desenvolvimento de uma parceria que, pela nossa parte, julgamos significativa e que interessa prosseguir. Aos leitores, desejamos que este livro possa contribuir para um melhor conhecimento da arquitetura religiosa moderna, disponibilizando às comunidades que hoje habitam estes espaços um instrumento de leitura que suscite a sua plena fruição.

Por último, esperamos também que o trabalho realizado possa servir como um contributo para alimentar a consciência de todos nós e, em especial, dos responsáveis pela gestão e preservação do património cultural edificado (sejam do domínio público ou privado, civil ou eclesiástico) acerca da importância do seu estudo. Consciência necessária, nomeadamente em ordem a assegurar que as intervenções materiais de preservação e conservação que o tempo sempre reclama, se possam realizar no respeito pelos autores e sustentadas por uma reflexão alargada sobre os melhores usos e formas de apropriação desse mesmo património, conforme à especificidade do seu uso e a padrões de exigência e qualidade, alicerçadas num conhecimento especializado e segundo o ideal de cidadania responsável.